

EDITORA
UnB

MATERNIDADE, PARENTALIDADE, FAMÍLIA E TEMAS TRANSVERSAIS

Hayeska Costa Barroso
Tatiane dos Santos Duarte
Jaqueline Barbosa Pinto Silva
Diana Valls Gallo

(Organizadoras)



EXTENSÃO INSURGENTE

Universidade de Brasília

Reitora Rozana Reigota Naves
Vice-Reitor Márcio Muniz de Farias

EDITORA
UnB

Conselho editorial
Germana Henriques Pereira (Presidente)
Ana Flávia Magalhães Pinto
Andrey Rosenthal Schlee
César Lignelli
Fernando César Lima Leite
Gabriela Neves Delgado
Guilherme Sales Soares de Azevedo Melo
Liliane de Almeida Maia
Mônica Celeida Rabelo Nogueira
Roberto Brandão Cavalcanti
Sely Maria de Souza Costa

EDITORA
UnB

Maternidade, parentalidade, família e temas transversais

Hayeska Costa Barroso
Tatiane dos Santos Duarte
Jaqueline Barbosa Pinto Silva
Diana Valls Gallo

(Organizadoras)

EXTENSÃO INSURGENTE

Equipe do projeto de extensão – Oficina de edição de obras digitais

Coordenação geral	Thiago Affonso Silva de Almeida
Consultor de produção editorial	Percio Sávio Romualdo Da Silva
Coordenação de revisão	Talita Guimarães Sales Ribeiro
Coordenação de design	Cláudia Barbosa Dias
Revisão	Vanessa Correia dos Santos
Diagramação	Uilca-Terra R. M.M. Martins
Foto de capa	Mizuno K. e Tima Miroshnichenko, via Pexels.com

© 2024 Editora Universidade de Brasília

Direitos exclusivos para esta edição:
Editora Universidade de Brasília
Centro de Vivência, Bloco A - 2ª etapa, 1º andar
Campus Darcy Ribeiro, Asa Norte, Brasília/DF
CEP: 70910-900
Site: www.editora.unb.br
E-mail: contatoeditora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade de Brasília – BCE/UnB)

M425 Maternidade, parentalidade, família e temas transversais [recurso eletrônico] / (Organizadoras) Hayeska Costa Barroso … [et al.]. — Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2025.
194 p. - (Extensão Insurgente).

Formato PDF.
ISBN 978-65-5846-250-7.

1. Maternidade. 2. Parentalidade. 3. Família. I. Barroso, Hayeska Costa (org.). II. Série.

CDU 378.4:392.3

Heloiza dos Santos – CRB 1/1913

Sumário

Introdução 9

Hayeska Costa Barroso
Tatiane dos Santos Duarte
Jaqueline Barbosa Pinto Silva
Diana Valls Gallo

Capítulo 1

Maternidade contra o Estado? A Lei da Alienação Parental e a construção de regimes de verdade contra as mulheres 15

Raquel Vieira de Castro Braga

Capítulo 2

Coletivos de Mães nas universidades e seus impactos na implementação de políticas para permanência materna no ensino superior 31

Ana Paula de Jesus Nunes
Lisandra Oliveira e Silva
Renata Figueiredo Silva
Tatiane dos Santos Duarte
Vanessa Suany da Silva

Capítulo 3

Como a pandemia de Covid-19 afetou a vida de mulheres discentes: um estudo realizado na Universidade de Brasília 49

Larissa Lorranny Magalhães Lima
Hayeska Costa Barroso

Capítulo 4

Cuidados e novas problematizações: os atravessamentos da pandemia de Covid-19 e os impactos nas políticas públicas no Brasil e na Argentina 63

Danielle Ferreira Medeiro da Silva de Araujo
Rosamaria Giatti Carneiro

Capítulo 5

Maternidade e universidade: relato de experiência de uma graduanda **81**

Maria Paula Bastos Dias

Capítulo 6

Maternidade política e feminismo matricêntrico: uma análise de leis e políticas públicas dos governos Lula (2002-2010) e Dilma Rousseff (2011-2016) **89**

Nayara Augusto Felizardo

Capítulo 7

Monoparentalidade chefiada por mulheres negras no Distrito Federal **107**

Danielle de Castro Silva Lobato

Capítulo 8

O Coletivo de mães da UnB: a resistência pelo conhecimento e pela inclusão **123**

Caroline da Costa Freire Ribeiro
Jaqueline Barbosa Pinto Silva
Diana Valls Gallo
Tcherry Félix da Silva
Tatiane dos Santos Duarte

Capítulo 9

Poéticas do espaço doméstico: feminismos maternos arrombando as portas das casas nas artes visuais **139**

Marta Mencarini Guimarães
Clarissa Monteiro Borges

Capítulo 10

Políticas públicas de permanência nas universidades e o desenvolvimento acadêmico de mulheres-mães 155

Ana Paula Dahlke
Tatiane dos Santos Duarte
Luana Karoline Gonsaga
Natacha Barbosa do Nascimento

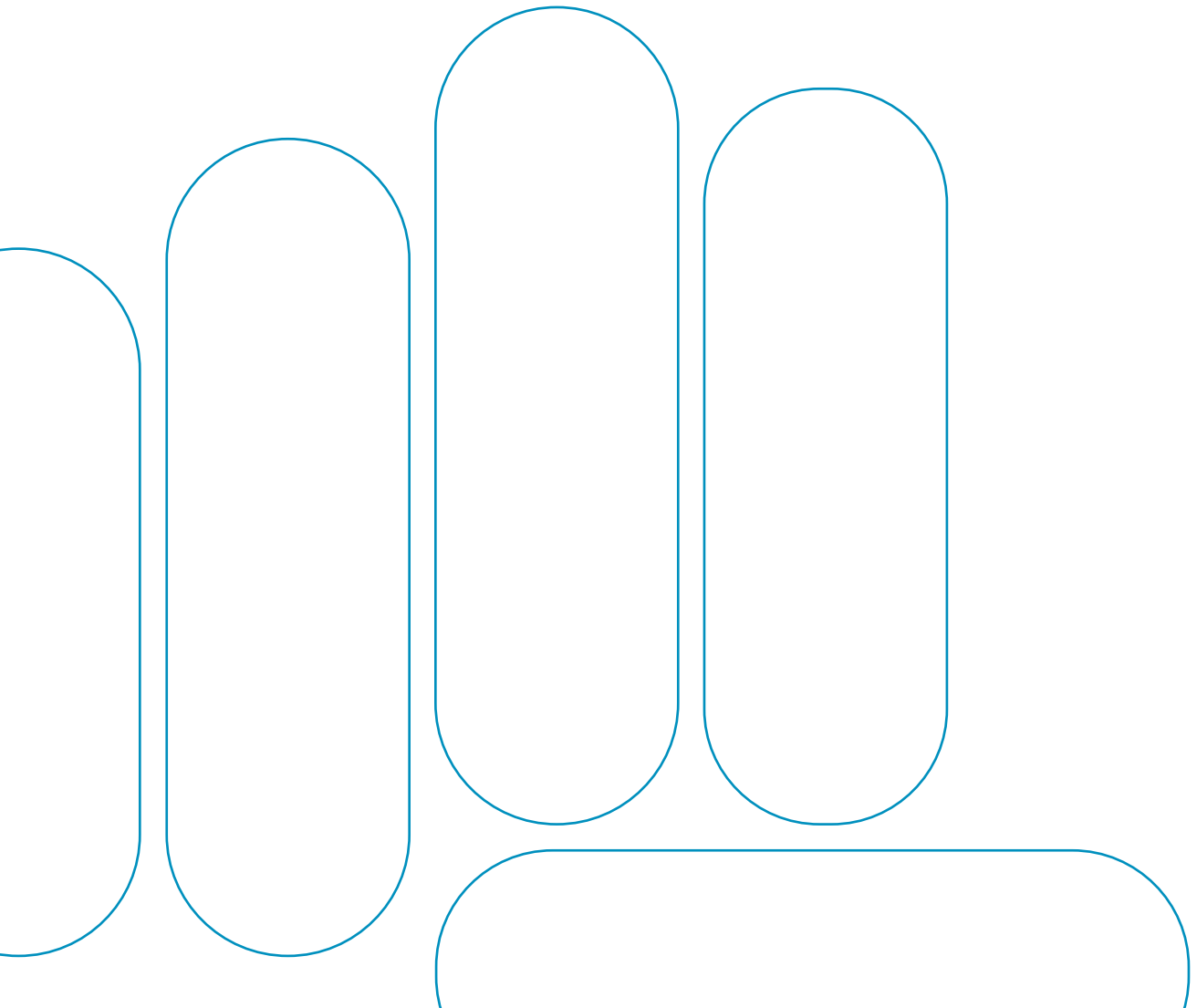
Capítulo 11

Residência Artística como espaço criativo e crítico de maternagens 173

Iara Sales Agra
Jaqueline Barbosa Pinto Silva
Rafaela Kalaffa Sergio e Silva

Considerações Finais 189

Hayeska Costa Barroso
Tatiane dos Santos Duarte
Jaqueline Barbosa Pinto Silva
Diana Valls Gallo



Capítulo 5

Maternidade e universidade: relato de experiência de uma graduanda

Maria Paula Bastos Dias

1. Introdução: estudar, isso é coisa para mãe?

A representatividade feminina brasileira foi por muito tempo suprimida pela supremacia arrogante e subversiva de uma sociedade patriarcal. Muitos direitos foram conquistados ao longo dos anos, porém, para o propósito deste texto, darei ênfase aos que concernem à educação e à participação social: o acesso à educação de ensino superior, o voto em eleições, o trabalho sem necessidade de autorização do marido, a obtenção de seu próprio cartão de crédito, concedendo-lhe liberdade financeira, e a igualdade entre homens e mulheres, escrita na Constituição Federal de 1988. Por meio da conquista e do acesso a esses direitos, a mulher conseguiu adentrar em vários espaços na sociedade. Ela pode fazer escolhas sobre sua própria vida, dentre elas, ter um menor número de filhos, ou não ter nenhum, não se casar, ou casar-se com quem quiser, conquistar bens materiais com seu próprio esforço, sustentar-se financeiramente, estudar e se formar em qualquer área profissional (Saraiva; Ferrari, 2022).

O ambiente universitário, ainda que seja ocupado majoritariamente por mulheres, não está totalmente preparado para a recebê-las e zelar por sua permanência. Apesar de todas estas conquistas, a mulher, principalmente mãe, ainda enfrenta muitas barreiras para a realização de seus objetivos pessoais e profissionais, algumas mazelas e resquícios de uma sociedade patriarcal. Dentre estes desafios, estão: a falta de apoio familiar, de ambientes de amamentação adequados e de lugares hábeis para deixar seus filhos, dificuldades econômicas e alterações em sua saúde física e emocional (dos Santos Costa, 2023).

Mas, ainda assim, a mulher e mãe persiste nos caminhos da educação. A figura da mulher forte, guerreira e capaz de tudo é vista em vários lugares deste país, seja em instituição pública ou privada, seja no mercado de trabalho, seja na escolha da maternidade integral. Ela trabalha, estuda, cuida dos filhos, cuida da casa, abdica-se de si na maior parte do tempo. Para permanecer no espaço universitário, elas dão um “jeitinho de mãe”, desenvolvendo grupos e projetos cooperativos, em que mães ou outras pessoas podem ajudar outras mães. (Silva *et al.*, 2023)

Após essa contextualização teórica da história das mulheres brasileiras, seus desafios e enfrentamentos na universidade, inicia-se o relato da experiência de uma jovem mãe,

estudante de universidade pública brasileira, com o objetivo de demonstrar sua realidade vivida, em sua perspectiva e de seus colegas.

2. O que você quer ser quando crescer?

Perguntavam-me o mesmo quando criança: o que você quer ser quando crescer? Esta pergunta me perturba até a hoje, pois ela envolve sonhos, projetos e, o mais importante, o caminho para alcançá-los. Para elucidar como eu mesma estou tentando entender o que eu quero ser, você deve conhecer minha história um pouco, até chegar à universidade. Meu nome é Maria Paula Bastos Dias, tenho um filho de 8 anos, sou casada, nascida em Brasília, filha de mãe solteira, tenho uma irmã e dois irmãos mais velhos.

Minha mãe é costureira, morei com ela até os meus 19 anos, quando engravidei e fui morar com meu marido, que na época era meu namorado. Minha genitora tem um dom na costura que conseguiu manter a nossa cassa, ela tira de um tecido qualquer, uma bela peça de roupa. Apesar disso, como ela trabalhava em casa para conseguir cuidar de seus 4 filhos, seu trabalho nunca foi valorizado. Assim, sempre moramos na periferia, no entorno de Brasília. Estudei em escola pública a minha vida inteira, nossa família teve ajuda de projetos sociais, como o bolsa família, e durante minha infância e adolescência, frequentei uma instituição que tinha o papel de integrar pessoas carentes à sociedade oferecendo cursos, recreações e diversas atividades. Lá, tive a oportunidade de praticar vários esportes, realizar cursos profissionalizantes e me inserir no mercado de trabalho, por meio do programa Jovem Aprendiz, em uma agência bancária. Apesar de ter sido uma ótima oportunidade, não consegui me ver na profissão que me foi imposta, nem me adequar a ela, e bem que eu tentei.

Desde que eu me entendo por gente, estou sempre envolvida em alguma atividade educacional, e tanto a escola como esta instituição me ensinaram que a educação é um ótimo caminho na vida, mesmo que não traga retornos financeiros imediatos, ela pode mudar vidas em singelos detalhes. Por exemplo, na periferia em que moro encontro algumas pessoas que participaram comigo desta instituição há mais de 15 anos atrás e nós, apesar de não termos ainda alcançado os nossos sonhos e objetivos, ou sido o que queríamos quando éramos crianças, continuamos lutando bravamente todos os dias para alcançá-los.

Como havia dito, tentei continuar na carreira bancária. Aos 17 anos consegui entrar em uma universidade, por meio do Prouni, para cursar contabilidade. Fiz 2 anos e simplesmente larguei, porque não me via na profissão. Ao pensar em uma oportunidade de que me desfiz, julguei-me e minha família também. Nesse momento de indecisão, engravidei, mais uma decepção. Foram momentos difíceis, mas resolvi tentar outras coisas. Enquanto minha vida mudava de filha mais nova para esposa e mãe, fiz vários cursos, entre eles, o de técnico em saúde e segurança do trabalho, que veio com uma grande oportunidade: estagiar na maior distribuidora de combustíveis do Brasil. Fui lá, agarrei a oportunidade, e ela me trouxe vários aprendizados para a vida, dentre eles: a educação em saúde muda comportamentos e previne acidentes, seja no âmbito laboral ou em qualquer parte da vida. Senti que minha vocação era trabalhar com algo

que cuidasse e zelasse pela vida e saúde das pessoas. Então, me fiz aquela pergunta: o que eu quero ser? Pesquisei a finco sobre profissões da saúde que se encaixassem, e decidi me tornar fisioterapeuta. Eu e meu esposo traçamos um plano, fiz cursinho online durante 1 ano para conseguir estudar e cuidar do meu filho, que na época tinha 2 anos, e consegui nota suficiente no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para ingressar na Universidade de Brasília por meio do Sistema de Seleção Unificada (Sisu), com cota para alunos de escola pública.

3. Entrei na UnB, e agora?

Lembro-me como se fosse hoje, no final de janeiro de 2019, entreguei minha documentação e realizei minha matrícula na Faculdade de Ceilândia, foi um dia muito especial para mim e para toda a minha família, mas também foi um dia em que pensei na luta que seria realizar uma faculdade de 5 anos, diurna, com uma criança, e conseguir ter uma fonte de renda própria. No primeiro dia de aula, foi realizada uma recepção para os calouros em que foram apresentadas muitas oportunidades, como monitorias, tutorias, ligas acadêmicas, projetos de iniciação científica, projetos de pesquisa e extensão, e programas de assistência estudantil para estudantes com necessidades socioeconômicas permanecerem na universidade, dentre eles, o auxílio-creche, que me chamou a atenção. Então, tive uma esperança que esse caminho não fosse tão árduo assim. Perguntei sobre esse auxílio e fui barrada logo nas primeiras premissas do edital, em uma delas, eu teria que ter inscrito meu filho na lista de espera de creches públicas e ele não deveria ter sido contemplado, mas isto era muito inviável para mim, primeiro porque a creche pública mais próxima da minha casa ficava a 1 hora de distância e era totalmente oposta ao caminho da faculdade, assim não conseguia chegar a tempo para as aulas. Segundo, algo que me deixou perplexa, a idade limite da criança para receber o auxílio é de 5 anos. Entendo que quem criou esta premissa pensou em um cenário ideal em que a mãe estudaria no mesmo horário do seu filho e com 5 anos ele começaria a estudar na educação infantil, mas como no meu caso e, acredito, no caso de todas as mães que estudam em universidades públicas, a logística de quem tomará conta de nossos filhos e onde ele estará a cada momento do dia é feita e refeita todos os semestres, pois os horários das aulas podem ser em qualquer turno do dia.

Apesar de eu ser pobre, negra, e ter estudado em escola pública, não entrei na universidade com cotas para pessoas de baixa renda, o que dificultou muito as coisas no início. No começo, tive acesso ao restaurante universitário gratuitamente e participei de vários editais, para, somente após 2 anos de graduação, conseguir o auxílio socioeconômico, não porque eu não precisasse, mas porque a demanda de pessoas era maior do que a oferta de auxílios. Assim, pude dar uma folga do bico que fazia como laceira e me concentrar mais na faculdade, pois a creche e o transporte do meu filho estavam garantidos. Até esse momento na graduação, além das aulas, eu tinha apenas participado como monitora em uma matéria, pois projetos de extensão, por exemplo, demandavam mais tempo e deslocamento, o que não podia fazer naquele momento pois precisava desse tempo para produzir laços e vender.

Agora sim, com a garantia de que meu filho estaria bem e seguro, pude explorar mais as oportunidades da faculdade. Continuei as monitorias em outras matérias, me envolvi em ligas acadêmicas, projetos de extensão, grupos de pesquisa e comecei a aprender uma nova língua, questões que serão detalhadas no próximo tópico. O engraçado de tudo isso é que eu tinha preconceitos sobre a universidade pública. Pensava ser um lugar abandonado, onde eu teria dificuldades para me formar. Jamais imaginaria o poder transformador que ela teria.

4. Eu, mãe, na UnB

Confesso que o primeiro semestre como estudante foi muito desafiador. O ambiente universitário se mostrou muito competitivo, pois no início já há uma exigência de boas menções e notas, e a utilização dessas notas para ranquear os alunos, e dependendo deste lugar no ranque, você pode ter um número maior ou menor de oportunidades. Sempre me achei uma boa estudante, prestava atenção nas aulas, realizava os trabalhos, não faltava. Mas a universidade te exige muito mais, além das aulas maçantes, leitura adicional e resumos, tem que buscar mais para aprender. Os seminários me torturaram no início, pois não apresentava a capacidade da oralidade, nem de um mero raciocínio sobre uma citação de qualquer autor. Mas o tempo foi passando e consegui adquirir essa habilidade.

Amei as matérias que envolviam biologia, química e anatomia, porque eu me destacava; as outras nem tanto, porém me esforcei. A rotina era exaustiva, e até hoje ainda é. Acordava por volta das 5h30 da manhã, me arrumava e arrumava meu filho, e deixava-o na creche as 6h. Graças a Deus, a creche ficava a 5 min da minha casa, mas imagine esta cena: eu carregando uma criança adormecida, mais duas mochilas pesadas (uma cheia de livros e outra com os suprimentos do meu filho). Nem queira imaginar como foi no período de chuvas. Vocês devem estar se perguntando se não havia ninguém para me ajudar, e a resposta é não havia, todos os meus familiares a essa hora já haviam saído de casa para trabalhar ou estudar. Depois de deixá-lo, pegava dois ônibus para chegar à faculdade, e, durante o dia, passava horas a finco estudando. No fim do dia, voltava para minha cidade, pegava meu filho na creche e ia para casa, mas a rotina não acabava por aí. Tínhamos que nos preparar para o dia seguinte, lanches, roupinhas, trabalhos a ser entregues, ter um momento de escuta em família, tudo isso se misturava e acontecia quase que ao mesmo tempo, mas estávamos dando conta de tudo.

No segundo semestre, resolvi me aventurar na monitoria da matéria “do átomo à célula”. Foi aí que comecei a desenvolver a habilidade da oralidade que me ajudou nos seminários. Conseguir explicar para outro colega um tema potencialmente difícil não é uma habilidade fácil. A maternidade com certeza me ajudou muito neste ponto, pois eu tentava esclarecer um assunto como se fosse explicar para o meu filho, usava analogias, desenhava, encenava, se fosse preciso, e acabou dando certo. Me apaixonei pelo ensino, permaneço na monitoria até hoje, fui troncando de matérias ao longo do tempo para que eu também pudesse ter novas oportunidades de aprendizado.

O tempo passou, e antes de começar o 3º semestre da minha graduação, meu filho entrou em uma escola de educação infantil no período da manhã e a escola não ficava perto de casa, o que não era surpresa para mim. Tive que contratar um serviço de transporte para levá-lo e buscá-lo, o que me frustrou muito no começo, e realmente pensei em trancar a faculdade, pelo menos nesse período de adaptação. O primeiro serviço que eu contratei demorava tanto para ir buscá-lo que um dia meu filho foi dado como desaparecido na escola. Foram os piores minutos da minha vida, até hoje sinto raiva e culpa. Como pode? Eu, a mãe dele, não sabia onde meu filho estava. Como eu confiei a vida do meu filho a um estranho? Como a escola não sabia onde ele estava? Resumindo a história, recebi a ligação do transporte dizendo que meu filho não estava na escola. Eu ainda estava no período de férias da faculdade e fui rapidamente para lá. O transporte escolar demorou tanto que as aulas do turno vespertino já tinham começado, e meu filho não permaneceu no pátio e retornou para a sala de aula. Como ainda eram as primeiras semanas de aula, nem a professora do turno contrário conhecia seus alunos. Mas quando o encontraram, eu só chorei, e não queria que aquilo voltasse a acontecer. Estava decidida a trancar a faculdade para encontrar uma melhor alternativa.

Cancelei o contrato do transporte escolar, eu mesma estava levando e buscando meu filho na escola. A escola, muito boa por sinal, aprendeu com seus erros e tomou medidas para que isso não acontecesse com mais nenhuma criança. Então, em março de 2020, o semestre na faculdade começou. Já havia me matriculado nas matérias, na primeira semana consegui ir porque foram poucas aulas, e minha família se revezou com a logística do transporte do meu filho, mas isso não duraria muito tempo, eu realmente teria que trancar. Até que recebemos a notícia de uma pandemia, Covid-19. Sei que foi um momento muito difícil para todo mundo, inclusive para a minha família, mas no quesito de trancamento da faculdade, foi uma resolução para mim. Tudo fechado, as atividades acadêmicas pararam para todos, meu filho estava em casa, protegido, e no momento era o que importava.

O período de *lockdown* foi um momento de reflexão e pausa que eu precisava. Enquanto meu esposo estava trabalhando, continuei a estudar, pois as atividades acadêmicas eram online. Dei a atenção que o meu filho precisava naquele momento, depois de ter tido a sensação de ter sido abandonado. Fui sua professora, fui sua psicóloga, tivemos momentos importantes juntos, não que não tivéssemos antes, mas agora tínhamos um tempo de qualidade, e presença na vida um do outro. Passamos um ano assim, totalmente isolados.

No começo do ano de 2021, começaram as vacinações. Na faculdade, pudemos retornar a algumas atividades essenciais, como aulas práticas e alguns projetos de extensão. A escola do meu filho continuou sendo à distância, e a da minha cunhada também, que s e disponibilizou para cuidar do meu filho enquanto eu não estivesse em casa, possibilitando-me desfrutar de algumas oportunidades na faculdade, além da monitoria.

Fui voluntária na vacinação contra a Covid-19, meu papel era manter a organização das filas e verificar cartões de vacina e documentação. Parece uma tarefa simples e fácil, mas a situação de tensão na qual a população vivia por mais de 1 ano deixou-os totalmente desconfiados e baratinados. Escutei muitas histórias nessas filas, de pessoas que perderam

a família inteira por causa do vírus, de pessoas que não acreditavam na vacina e tentavam convencer outros a não se vacinar, de pessoas que acreditavam que estávamos sendo pagos para matar a população, de pessoas esperançosas que acreditavam no nosso trabalho, de pessoas que precisavam culpar alguém por tudo. A população precisava de respostas a perguntas que eram cientificas e complexas, queriam saber como a vacina era feita, de onde surgiu o vírus, e as explicações deixava a maioria perplexa, mais desconfiada por não conseguir entender tudo o que estava acontecendo.

Além disso, conheci e participei do projeto de extensão "escola de avós e oficinas de prevenção de quedas" em uma UBS da Ceilândia. O projeto consistia em reabilitar idosos que caíram ou tinham uma possibilidade muito alta de cair. Para além do conhecimento científico e técnico, tive uma riquíssima oportunidade de escutar histórias desses idosos, em sua maioria mulheres. Eram histórias de luta, de felicidade, de tristeza, de família, de solidão, e com elas me identifiquei. Sabe quando você vai fazer o bem para alguém e você sente que ele que fez para você? É assim que eu me sinto quando atendo uma pessoa idosa. Nossa! Como me faz bem! Nunca havia tido uma presença de pessoas mais velhas na minha vida, e como faz a diferença. Todos os ensinamentos que são passados em uma conversa intergeracional são imensuráveis. Várias receitas culinárias detalhadas de quem já cozinhou tantas vezes que já sabe de cor, a descrição de lugares que você precisa conhecer, a fé inabalável e a devoção de uma vida, a estranheza das tecnologias das novas gerações, a vontade de aprender mais coisas que nunca cessa, e a habilidade de te mostrar como a vida pode ser.

Naquele tempo, eu ainda não tinha decidido em qual área da fisioterapia me especializar, mas sabia que o meu poder de escuta e de ensino que desenvolvi como mãe, e ao longo do percurso acadêmico, poderiam me levar a qualquer lugar. Me apaixonei pela área de saúde da pessoa idosa, depois de passar por esse projeto e realizar muita pesquisa.

Além da saúde do idoso, outra área que me chamava muita atenção era a saúde da mulher, principalmente o público gestante. Em todas as aulas com o tema de gestação e parto, eu era o centro das atenções, já que era a única da minha turma que tinha passado por esse acontecimento. Mas essa área era pouco explorada no nosso curso, não tínhamos projetos de extensão, eram poucas aulas práticas, além de abstratas, em que não podíamos desfrutar de uma experiência completa como profissionais de saúde. Foi então que eu soube que iriam abrir uma liga acadêmica de saúde da mulher. Era a minha oportunidade de conhecer mais a área e ver se me identificava. E, deixando bem claro, apesar da saúde da mulher ser um caminho óbvio para mim por eu ser mãe, não foi esse que escolhi para a minha profissão. Apesar disso, foi um lugar de trocas de experiências e descobertas, em que eu pude me conhecer muito mais, a minha imagem, o meu corpo, meus sentimentos, a ser uma mulher melhor para meu marido e filho. Aproveitei a oportunidade para estudar a mulher idosa, suas particularidades fisiológicas e seus desejos, e me tornar uma profissional mais completa, que pode entendê-las.

Em 2022, a escola e faculdade voltaram a ser totalmente presenciais, a incerteza e preocupação voltaram a me atormentar, e muitas dúvidas vieram a minha cabeça. Quem vai cuidar do João enquanto eu estiver fora? Será que eu vou conseguir um transporte

escolar que seja responsável e cuide do meu filho? Será que eu vou conseguir manter isso financeiramente? Será que vou poder continuar com todas as minhas oportunidades na faculdade? Será que a hora de trancar chegou?

Permiti-me tentar mais uma vez. No começo do ano, contratei outro transporte escolar e, para a minha surpresa, este deu super certo. Ainda demorava um pouco, porque a escola era longe, mas não tanto ao ponto do meu filho e eu ficarmos desesperados. Vi um crescimento surpreendente no meu filho, suas emoções estavam estáveis, ele se sentia seguro com as minhas palavras, o nosso tempo juntos deixaram ele forte, fiquei muito orgulhosa do amadurecimento e crescimento dele. E a preocupação de quem ficaria com ele no contraturno da escola foi logo resolvida, as coisas se alinharam de um jeito que é difícil de acreditar até hoje. Abriu um projeto social perto da minha casa, um projeto como aquele em que eu participei quando criança. Eu me vi no meu filho, eu o vi se permitindo se conhecer e conhecer o mundo, vi nele traços meus e da minha trajetória.

Então pude continuar com os meus projetos durante esse ano, iniciei meus estágios obrigatórios e me envolvi no grupo de Pesquisa sobre Envelhecimento e Quedas em Idosos (PEQuI), no qual tive oportunidade de me envolver com projetos de iniciação científica, desenvolver meu trabalho de conclusão de curso e conhecer pessoas maravilhosas da área.

Estou no último ano do curso de graduação (2023), passei pelas mesmas adaptações de logística no começo do ano, mas tudo deu certo e se alinhou até agora.

5. Mãe, eu posso ir com você?

Esta é uma frase que toda mãe com filhos pequenos escuta. Os filhos sempre querem acompanhar suas mães em qualquer lugar, e comigo não foi muito diferente. Desde que precisei deixar meu filho na creche, eu via que ele podia estar em qualquer lugar confortável e bem cuidado que ele ainda assim sempre preferia ficar comigo em qualquer lugar.

Apesar de a faculdade ainda não estar preparada para receber mães e seus filhos, eu levava o meu filho sempre que podia. Essa preparação vai muito mais além do que banheiros com trocadores e salas de amamentação, é um arranjo que outras minorias e representações vêm discutindo nos últimos anos, trata-se de uma cultura que envolve ter empatia, e para isso acontecer, toda a comunidade acadêmica deve estar envolvida.

No começo da graduação, quando eu entrava na sala de aula com meu filho de 3 anos, eu podia ver alguns olhares de julgamento dos meus colegas e professores. Até hoje, eu não sei se eram de preocupação pelo meu filho ter de estar lá comigo ou indignação por ele não estar em outro ambiente mais apropriado, mas tenho certeza de que eram olhares preconceituosos, de quem não vivia a realidade materna mas tinha uma concepção sobre o que era certo para uma criança.

O ambiente acadêmico clássico exige concentração e disciplina imóvel, e isso era um pouco difícil de se ter com uma criança na sala de aula. Esse ambiente dependia de cada professor(a) que nos dava aula, alguns compreendiam e tentavam fazer com que meu filho

se sentisse “em casa”, outros fingiam que ele nem estava ali, e outros olhavam com um olhar atravessado, como de quem não aprovava aquela situação. Confesso que meu maior medo era que algum professor me convidasse a me retirar da sala de aula por causa do meu filho. Sempre tinha uma conversa longa sobre comportamento antes de sair de casa com ele, quais eram as brincadeiras que podiam acontecer, quais brinquedos poderia levar, desenhos sempre eram bem-vindos, mas ele sempre detestou desenhar. Se fosse mexer no celular, poderia por pouco tempo e com fone de ouvido, ou sem som, quando esquecia os fones. Com o tempo, meus colegas foram me conhecendo e conhecendo meu filho, e criamos ali uma rede invisível de apoio. São amizades que eu vou levar para a vida.

Eu sempre tive senso de que havia aulas que meu filho não poderia assistir, para preservar sua inocência, mas aproveitava tudo o que eu podia ensinar para ele do que eu estava aprendendo. Além das aulas em sala de aula, levei ele no projeto de extensão de idosos, e ele amou. Levei em algumas atividades do grupo de pesquisa e em algumas aulas de laboratório. Esses dias eram importantes para mim. Ele estava comigo, compartilhávamos o mesmo ambiente, pode ser que eu pudesse aprender mais sem ele ali, mas com ele aprendia tudo que eu pudesse. As conversas no transporte eram das mais variadas, dentre elas: mãe, o que é UnB? Mãe, você vai ser médica? Mãe, o que é fisioterapeuta? A gente pode ir de metrô? Posso andar no ônibus de 5 portas? Por que eu me chamo assim? Mãe, sabe o que eu aprendi? Meu pai chega que horas? Posso comer besteira hoje? Que cor que você gosta? Enfim, são tantas. Sabia que aquele tempo ali não era qualquer momento, era um momento de partilha, de vínculo, de motivação para eu continuar a dar o meu melhor, para realizar todos os meus projetos e envolver minha família neles.

6. Mãe, cadê você?

Este tópico será reservado para meus desabafos, gritos de socorro, momentos de sufoco. Aqui, pode ficar ainda mais claro o quão importante são as políticas e projetos para auxiliar as mães durante sua formação. O momento mais desesperador da minha vida como mãe é quando meu filho adoece. Ele perde o brilho de criança, não quer brincar de nada, tudo que faz dói. Como eu queria poder trocar de lugar com ele, não o ver sofrer. Nessa jornada de quase cinco anos, já vivi momentos desesperadores. Sei que o amadurecimento do sistema imunológico se desenvolve durante a infância, são tantas viroses, gripes, diarreias e vômitos. Graças a Deus, meu filho nunca correu risco de vida, mas como mãe eu sempre sinto culpa, será que eu agasalhei ele? Será que foi a comida que eu dei? Se eu estivesse com ele, faria alguma diferença? Mães universitárias deveriam ser acompanhadas por algum serviço psicológico, esse sentimento de culpa nunca vai embora, e precisamos de apoio, principalmente nessas horas em que temos que escolher entre acalentar nosso filho doente ou estar na sala de aula.

Todas as vezes em que meu filho ficou doente até aqui, nunca houve eventos acadêmicos extremamente importantes, como uma prova no meio do caminho, ou cumprimento de horas de estágio, e espero que até eu me formar não aconteça, porque posso ter uma reprovação

por não apresentar atestado médico, o que eu acho horrível, não poder estar ao lado do filho em momentos de doença. Já faltei dias em projetos, faltei aulas, e adiei entregas de trabalho. Isso pode até ter sido considerado como falta de compromisso por parte de alguns professores e colegas, mas o meu compromisso mais importante é o bem-estar do meu filho.

Será que a minha ausência física na vida do meu filho para estudar por cerca de 8 horas me faz uma péssima mãe? E se eu fosse o pai, será que eu me sentiria assim? Já conversei horas a fio com meu esposo, e pai do meu filho, sobre isso. Ele também fica preocupado, ele também sente que deveria estar mais presente, ele também sente culpa nos momentos de doença.

7. Ai, mãe, eu queria ser rico!

Meu filho fala essa frase quase todos os dias. É, eu também queria ser rica. A oportunidade de lutar pelos sonhos para quem é de uma classe social mais baixa é barrada todos os dias por necessidades básicas não supridas. Hoje, com 28 anos, ainda continuo morando na mesma cidade da periferia de Brasília, moro em um puxadinho em cima da casa dos meus sogros, meu esposo trabalha para manter a nossa família, com muito esforço conseguimos financiar nosso carrinho, e todos os meses temos os mesmos embates financeiros, sempre há uma necessidade fora do planejado: alguém adoeceu, o carro quebrou, o chuveiro queimou ou as coisas simplesmente ficaram mais caras.

Como eu falei, trabalhava como laceira para complementar a renda, até conseguir o auxílio socioeconômico. Fazer arte me dá prazer, mas para que isso aconteça, eu necessito de tempo para produzir minha arte, e com tantas exigências da vida acadêmica, não consigo desempenhar os dois papéis sem que algum fique mal-feito. Poder fazer o meu dinheiro traz um sentimento de autonomia, eu posso andar com minhas "próprias pernas", e encarar que eu não dava conta disso neste momento foi muito difícil para mim no começo, principalmente quando o dinheiro do mês não consegue arcar com todas as despesas, e meu esposo tem que fazer bicos como manobrista. Se eu trabalhasse, ele não precisaria se esforçar tanto. Hoje em dia, entendi que isso é somente uma fase na vida, e ainda me pego pensando em realizar uns bicos de vez em quando, mas isso tomaria ou meu tempo de estudo, ou meu pouco tempo com meu filho. Daqui a pouco eu poderei trabalhar novamente, e o melhor, será com o que eu quero e estudei para me tornar.

O engraçado disso tudo é que nós, como outras famílias de baixa renda, tentamos poupar dinheiro. Existem muitos fundos de investimento em que podemos fazer aplicações, inclusive eu já fiz, mas quando temos o retorno, ele nunca é o suficiente para retomar as necessidades básicas que foram privadas enquanto investíamos.

Sei que os perrengues financeiros na minha vida vão continuar por um bom tempo ainda. Tenho muitos sonhos para realizar juntamente com minha família, termos nossa própria casa, ter um carro melhor, plano de saúde. Mas, por enquanto, realizamos pequenos projetos, mesmo com esses perrengues, que nos fazem sentir que estamos avançando de pouco em pouco. Fizemos alguns reparos na casa em que estamos, comecei a aprender

uma nova língua, meu esposo realizou um curso de brigadista e socorrista para ter um emprego melhor, e pretendo tirar a carteira de habilitação em breve. Tenho meu estetoscópio, goniômetro, estesiômetro, esfigmomanômetro, faixas elásticas, e outros instrumentos fisioterapêuticos que consegui comprar através de um auxílio para realização das aulas. A Universidade de Brasília me proporcionou adquirir também um computador na pandemia para realizar as atividades à distância.

Mas o que são necessidades básicas para uma criança? Talvez alimentação, saúde, educação, diversão e lazer. Como mãe de baixa renda, sempre prezo pelos primeiros itens listados, a compra de brinquedos ou a visita de lugares divertidos ficam em último plano. Quando vamos ao shopping, eu e meu filho passamos sempre alguns minutos dentro das lojas famosas de brinquedos, analisando os preços e investigando a possibilidade de comprar algo em um dia especial, como o aniversário ou Natal. Tento criar oportunidades de lazer com coisas mais acessíveis, como andar de bicicleta no parque, andar de transporte público à toa, ir ao *playground* público e comer um lanche de *fast food*, e, é claro, ficar de olho em atrações gratuitas na cidade.

8. De mãe para mãe: inspirações dentro e fora do espaço universitário

Agora, este tópico é destinado a homenagear as mulheres presentes na minha vida. Minha mãe e minha sogra, que eu também considero como uma mãe, foram desencadeadoras da realização desse sonho. Com palavras simples e gestos de carinho, me incentivaram a continuar em cada passo. Minha mãe, uma pessoa de fé e devoção, mesmo tendo se mudado para longe, sempre continuou comigo, e me manda mensagens abençoando a minha semana, abençoando minha família e, como diz ela, trazendo "os sonhos de Deus" para mim. Minha sogra é meu braço direito, sempre me apoiando nos estudos e na corrida atrás dos meus sonhos, e sempre que pôde, ficou com meu filho.

A minha irmã mais velha foi quem permaneceu comigo a maior parte da vida enquanto minha mãe trabalhava. Ela me ensinou a ler e escrever mesmo antes de eu entrar na escola, uma inspiração para batalhar e vencer na vida. E, assim como eu, ela, com dois filhos, segue batalhando para conquistar seus sonhos.

Quando entrei na faculdade, logo me enturmei com um grupo de amigas, e elas foram as que mais compartilharam comigo essa experiência. Com o passar do tempo, algumas delas tomaram decisões diferentes das minhas, e fomos nos separando fisicamente dentro da universidade, mas sempre nos dispomos a continuar perto, mesmo que fosse somente mandando mensagens motivacionais ou perguntando se todas estão bem.

Uma professora, em especial, pegou na minha mão e agora, se ela quiser soltar, eu não largo mais. Além de compreender meu papel como mãe, ela me fez desfrutar da maioria das oportunidades que tive dentro da universidade, mostrou-me o caminho das pedras e, por mais que faltasse uma pedra aqui ou outra acolá, estou conseguido chegar no final desta estrada.

8.1 Eu, elas, mulheres

Criei um formulário para mostrar o ponto de vista de alguns colegas de sala de aula sobre temas já tratados anteriormente. Como eles acham que seria a minha rotina? Como eles veem o apoio da universidade para as mães universitárias? As respostas foram dadas por estudantes mulheres do curso de fisioterapia da Universidade de Brasília, não por conveniência, mas porque somente elas se propuseram a responder.

Quanto à estrutura física e organizacional, L.C.F (amiga e colega de turma) relatou:

> Apesar de alguns professores aceitarem que as mães levem os filhos para a sala de aula, acredito que a universidade ainda não tem uma boa capacidade para receber esse público. No campus de Ceilândia, por exemplo, não tem um espaço dedicado para crianças brincarem, ou um fraldário.

Perguntei a elas: quais projetos seriam importantes serem incorporados na Universidade de Brasília para que não haja evasão de estudantes que sejam genitores? Principalmente para mulheres de baixa renda.

> Acredito que seria interessante ter flexibilização quanto a datas importantes perdidas, quando se tratando de motivos relacionados aos filhos. Maior visibilidade ao grupo de mães universitárias através das redes sociais da universidade. Possibilidade de um espaço como uma brinquedoteca na faculdade. (D.S.R., amiga e colega de turma).

> Creche, ou uma brinquedoteca dentro da UnB, com profissionais capacitados para acolher os filhos(as) das estudantes. Dessa forma, acredito que as mães se sentiriam mais confortáveis para estudar e mais seguras em saber que seus filhos estão bem, seguros e perto delas. (G.V.L.M., amiga e colega de turma).

Outra questão que minhas colegas responderam foi como elas descreveriam a minha rotina sendo mãe e estudante universitária.

> Com certeza exaustiva. Acorda cedo, tem os cuidados necessários com o filho, os seus cuidados pessoais, leva para escola/creche, deixa almoço pré organizado. Vai para faculdade, tem toda a rotina de estudante. Volta, busca o filho na creche, tem novamente todos os cuidados de mãe, alimentação, higiene, acompanhamento escolar das atividades. Prepara refeições. Depois estuda, realizando as atividades da faculdade. E por fim descansa. (G.V.L.M., amiga e colega de turma).

> Não consigo imaginar o quão difícil é, pois a UnB e o curso de fisioterapia com 30h semanais mais os projetos, ocupam a maior parte do dia a dia, sem contar os trabalhos exuberantes que passam como se tivessem uma matéria apenas para ser feita. (I.F., colega de curso).

> Com toda a certeza é uma rotina muito corrida, tendo que dividir bem o tempo entre família e estudos. Filhos requerem muito tempo e dedicação, assim como

> a faculdade. Acredito que a organização e o processo de priorização de tarefas fizeram e fazem parte da sua rotina. (M.G.C.M., amiga e colega de turma).
> Super cansativa. Se pra mim, que não tenho filho, já é exaustivo ter que ir para a universidade para ter aula, estágio, projetos, não imagino como deve ser pesado fazer isso tudo sendo mãe. Ter um pequeno ser humano que depende de você, por si só, já demanda muito da rotina. Estudando então nem se fala. Lembro de quando você chorou porque ouviu do seu filho que queria ter você mais perto. Não consigo imaginar também o quanto isso afeta o emocional. (L.C.F., amiga e colega de turma).

Concordo totalmente com todas elas, é emocionante ver a sororidade em meio às palavras de luta por dignidade para as mães universitárias de baixa classe social.

8.2 Mãe, quero ser fisioterapeuta!

Neste ano, meu filho teve o dia das profissões na escola, e advinha qual profissão ele levou para mostrar para seus colegas? É claro, fisioterapeuta. Caracterizei ele com jaleco e tudo o mais. Ele não podia ter me surpreendido mais com a escolha, porque ele sempre se interessou por profissões em que envolviam transporte, ou máquinas pesadas. Fiquei tão orgulhosa, ele me falou que queria ser fisioterapeuta quando crescesse. Não sei se ele vai continuar com essa escolha, mas estou feliz por ter conseguido inspirar meu filho através do exemplo e dedicação a uma profissão.

Quando chegar a hora dele escolher realmente uma profissão, quero apoiá-lo para que ele tenha o máximo de oportunidades. Se ele se frustrar no meio do caminho, ou se ele desejar mudar de caminho, quero que ele tente outra vez, quero que ele saiba que a vida é cheia de possibilidades, mesmo quando temos poucas oportunidades.

9. Referências

DOS SANTOS COSTA, Jennefer Luana *et al*. Desafios da maternidade no período acadêmico: revisão integrativa. *Revista Família, Ciclos de Vida e Saúde no Contexto Social*, v. 11, n. 1, p. e6226-e6226, 2023.

SARAIVA, S. P.; FERRARI, M. A. *Cruzando oceanos: vozes femininas que navegam a maternidade, feminismos e o ativismo*. [s.l.: s.n.].

SILVA, V. S. DA et al. *Por onde andamos? Experiências e perspectivas das múltiplas maternidades nas universidades*. [s.l.] Edição das Autoras, 2023.

A Editora UnB é filiada à

Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Este livro foi composto em UnB Pro e Liberation Serif.

MATERNIDADE, PARENTALIDADE, FAMÍLIA E TEMAS TRANSVERSAIS

O livro “Maternidade, Parentalidade, Família e Temas Transversais”, organizado por Hayeska Costa Barroso, Tatiane dos Santos Duarte, Jaqueline Barbosa Pinto Silva e Diana Loureiro Valls, vem a público num contexto em que a maternidade e a parentalidade estão numa ascendente como pauta política e acadêmica no âmbito do ensino superior no Brasil.

Não que se trate de um assunto recente, mas é inegável como o cenário pandêmico jogou luz na direção de uma realidade antes francamente negligenciada ou relegada para segundo plano em se tratando do campo científico no país. São inúmeros os coletivos, grupos e núcleos maternos e parentais auto-organizados por estudantes, docentes e servidoras técnico-administrativas espalhados nas mais diversas universidades, reivindicando o que nunca deveria ter sido negado: lugar de mãe é na universidade! Estão reunidos nessa coletânea textos com reflexões teórico-críticas, relatos de experiência e resultados de estudos enovelados por um elemento em comum: todos possuem em sua autoria as marcas da comunidade acadêmica da Universidade de Brasília, reafirmando, assim, a sua importância e relevância como campo fértil da/na produção de um conhecimento social e politicamente referenciado na cena contemporânea.

EDITORA UnB

EXTENSÃO INSURGENTE